

Caio Prado Júnior e Vieira Pinto: Análise de possíveis aproximações e conflitos teóricos

Felipe Campos Matsuse Novais
(Mestrando)

Carlos Guilherme Reiter de Oliveira
(Bacharel)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo buscar na composição do pensamento de Vieira Pinto e de Caio Prado alguns dos elementos que tornaram suas obras singulares na forma de interpretar a realidade nacional, por compreender as particularidades do sistema capitalista e industrial que se desenvolveu no Brasil. É destaque o modo como estes dois expoentes do pensamento social e político brasileiro estruturam suas obras, em consequência das suas atuações políticas para alterar a realidade nacional, seguindo o princípio da práxis, teoria e prática, em um caminho de crítica ao modo como a sociedade brasileira se apresentava nas discussões políticas e no campo acadêmico, e esmiuçando as características próprias existentes na história e na materialidade da construção do Estado brasileiro. Deste modo, as obras desses autores destacam-se por sua originalidade e radicalidade na forma de compreender as teorias em que se apoiavam e a realidade que buscavam compreender e modificar, destaque suas formas originais de interpretar o sentido e as características do Brasil que tornavam, desde seu nascimento, impossível adotar métodos oriundos de países com suas próprias peculiaridades, ou seja, as teorias desenvolvidas por eles têm a proposta de uma interpretação histórica única e exclusiva da formação da realidade nacional, e do papel do Brasil no sistema capitalista mundial.

Metodologia

Buscaremos analisar os pontos em que eles podem nos ajudar a compreender o presente, e também comentar sobre suas limitações, teóricas, históricas e pessoais à luz das reflexões sociológicas debruçadas sobre os dilemas do presente, possibilitando o debate entre os dois autores e suas aproximações nas suas constatações do real.

Diante dos objetivos apontados acima a pesquisa tratará de questões puramente teóricas, sem qualquer aplicabilidade de processos de captação e análise de dados quantitativos, por isto esta metodologia assim como a mista são totalmente excluídas dos objetivos. Portanto, utilizaremos do método qualitativo voltado a uma pesquisa bibliográfica, pois os objetivos a serem alcançados são de natureza teórica. O fato de esta pesquisa estar relacionada ao

marxismo, por contemplar categorias como a ideologia e utilizar de seu referencial teórico, faz com que ela possua natureza teórica e prática, levando em consideração as bases materiais presentes nas relações sociais. Deste modo, nossa pesquisa não distancia desta condição por abordá-los de forma crítica e totalizante, mas os objetivos não seguem a lógica da práxis. Logo, a utilização do método materialista-dialético será levada em consideração, mas para viabilidade dos objetivos o método exploratório será aplicado, por entender que as premissas retiradas da bibliografia darão as respostas aqui reivindicadas.

1 Introdução

Na busca de analisar uma parcela das contribuições práticas e teóricas das obras de Álvaro Vieira Pinto e Caio Prado Júnior, enfatizamos a originalidade na forma de interpretar a realidade nacional, escavando suas raízes teóricas mais amplas e explorando o contexto histórico particular das suas produções. Ambos os autores são figuras importantes para o cenário público e intelectual brasileiro, circulando nas esferas acadêmicas e nos movimentos políticos. Mais que uma interpretação da realidade nacional suas obras carregavam o objetivo de interferir nos rumos da realidade nacional.

Inicialmente apresentaremos os contextos aos quais os autores se inserem no debate público nacional trazendo uma parte de suas biografias e o contexto histórico de suas críticas e propostas, que apesar de regular temporalmente na metade do século XX, cada autor parte de um pressuposto e métodos diferentes de analisar a sociedade. Caio Prado é reconhecido por, ao lado de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque, construir uma das três principais obras de interpretação da realidade brasileira, que ao utilizar o método materialista histórico dialético consegue dar clareza à formação do Estado capitalista no Brasil, e apoiado nessa produção teórica ele apresenta, após o golpe de 64, um balanço dos enganos da esquerda revolucionária brasileira. Enquanto Vieira Pinto emerge no debate sobre a realidade nacional com a formação de uma ideologia nacional desenvolvimentista que foi amplamente discutida e aplicada sobre o plano de metas do governo JK e acabou sendo motivo de muita crítica e muitos equívocos. Destaca-se também em Vieira Pinto o compromisso com a reforma universitária e de base na conjuntura pré-64.

A intencionalidade de apresentar estes autores diversos do pensamento político e social brasileiro faz parte de um movimento de resgate da obra de Vieira Pinto, que foi renegado pela academia após as duras críticas apresentadas ao autor e ao ISEB na década de 70, os rotulando de puramente ideólogos, e afastando suas obras da originalidade e cientificidade a que se debate a questão da consciência nacional, crítica essa ancorada em um referencial teórico althusseriano. Por isso a escolha de contrastar com Caio Prado Júnior que possui uma obra original e tradicional para o movimento comunista e marxista, mas que sofreu duras críticas dentro do movimento revolucionário por renegar as diretrizes da terceira internacional e um perfil internacionalista da revolução.

De fato, a obra de Álvaro Vieira carrega forte viés para a intervenção na realidade, sua defesa era a de um desenvolvimento nacional que passa por uma tomada de consciência das questões inerentes à vida cotidiana das massas no Brasil. Um processo de superação da consciência ingênua, essa por sua vez de grande influência colonialista. Esse processo por si formaria uma ideologia nacional, o conceito de ideologia trabalhado por ele não tem apenas o sentido negativo, corriqueiro e de uso vulgar, mas é uma categoria ontológica, presente no ser enquanto ser. Caio Prado, por sua vez, concentrava sua atuação política entre os quadros do Partido Comunista Brasileiro, travando debates e trazendo discordâncias analíticas cruciais para a direção da atuação política do partido e dos trabalhadores, sua produção teórica original o levava a criticar as orientações do partido, legadas da terceira internacional. Apesar das profundas discordâncias, Caio permaneceu no partido durante toda sua trajetória intelectual e política.

É destaque as diferenças metodológicas e ideológicas entre os dois autores antes da guinada à esquerda de Vieira Pinto, na década de 60, na qual ele assume uma posição forte frente ao imperialismo. Caio permaneceu por toda sua trajetória fiel à eterna ciência do proletariado, numa postura até leninista, de liberdade para discordar, mas unidade na ação partidária, enquanto Álvaro migra de um passado integralista para a radicalização à esquerda nos anos finais do ISEB. Porém os dois autores comungam de projetos nacionais que visavam a superação da condição de subdesenvolvimento e uma real preocupação com o rumo social e econômico do país.

Portanto, o objetivo a ser alcançado por este trabalho é apresentar um debate a respeito de duas grandes figuras da intelectualidade que apesar de suas diferenças podem dialogar pelos conceitos centrais que constituem o debate acadêmico e político dos rumos e sentidos da realidade nacional. O recorte histórico, da década de 50 até 70 é um período de constante transformação da sociedade brasileira que vive um lapso democrático com o fim do estado novo em 1946 e retorna as vias totalitárias com o golpe militar de 1964. Este momento da história brasileira marca uma época de anseio por mudanças estruturais da sociedade e da economia e é nesse contexto que analisaremos a obra de Vieira Pinto e Caio Prado.

2-Desenvolvimento teórico

Caio defendia o desenvolvimento do mercado interno como uma das formas de destravar o desenvolvimento nacional e demonstra como a posição ocupada pelo Brasil no mercado mundial o coloca em uma condição de subdesenvolvimento crônico, essa posição fica clara por exemplo em suas críticas dirigidas à CEPAL. A tese do sentido da colonização estabelece os pontos centrais do funcionamento da economia brasileira. Ao analisar o lugar ocupado pelo Brasil no funcionamento do sistema capitalista mundial, a divisão internacional do trabalho, Caio Prado oferece-nos a formulação de que o baixo nível de desenvolvimento da economia nacional pode ser explicado pelo fato da economia brasileira estar dependente de fatores que são externos a ela, o que pode ser estendido, com algumas ressalvas, ao restante do subcontinente. O papel de fornecedor de matérias-primas e produtos tropicais para o centro do sistema capitalista, assentando as forças produtivas no setor agrário-exportador, garante que o domínio industrial e tecnológico se desenvolva com maior facilidade no centro capitalista, criando o ciclo de exportação de produtos primários e importação de produtos de valor agregado. Colocando a questão em seu sentido histórico, só é possível explicar o alto nível de desenvolvimento dos países do centro capitalista tendo em vista que ele pressupõe o subdesenvolvimento da periferia capitalista, questão que ultrapassa os limites analíticos da CEPAL:

Assim, a CEPAL, devido a sua visão unilinear do desenvolvimento, não conseguiria refutar críticas fundamentais formuladas por economistas ortodoxos. Como diz nosso autor: “de fato, por mais que se explique com fatos rigorosos e precisos que o subdesenvolvimento brasileiro se deve à situação desvantajosa em que nosso país se

vê colocado no comércio internacional – e é essa, em última análise, a conclusão geral da teoria do desenvolvimento (CEPAL) – poder-se-á sempre retrucar com uma pergunta irrespondível no plano estático e atual e que vem a ser ‘o porquê daquela situação’. Numa perspectiva apenas do momento presente, qualquer resposta importa num círculo lógico: a posição desvantajosa do Brasil é fruto de seu baixo nível econômico, e esse baixo nível deriva de sua posição desvantajosa. Em suma, o Brasil é pobre porque é pobre.” (RICUPERO, 2000)

A CEPAL (comissão econômica para América Latina e o Caribe) em sua criação contava com economistas renomados da escola estruturalista como Raul Prebisch e Celso Furtado que enxergavam a economia no plano cartesiano com o desenvolvido e o subdesenvolvido. O subdesenvolvimento não poderia adotar modelos econômicos aplicados por nações já desenvolvidas, pois o processo de industrialização dos países periféricos só começou no século XX, principalmente no pós-guerra, enquanto os países centrais começaram a sua modernização no século XVII. esta característica de ser um processo tardio impossibilitava o equilíbrio da balança comercial pela falta de estrutura industrial.

A temática do desenvolvimento tal como se apresenta nas décadas de 1950 e 1960, sob a influência do pensamento cepalino, já sai do debate entre civilização e barbárie, entre moderno e arcaico, entre o progresso e o atraso para produzir um debate mais consistente em termos de desenvolvimento e subdesenvolvimento, entre uma estrutura industrial moderna, com todas suas consequências sociais e políticas, em oposição a uma estrutura exportadora agrária ou mineira, que deveria ser progressivamente substituída.(SANTOS, 2012).

Destaca-se que no processo de defesa de transformação da consciência nacional, Vieira Pinto não trabalha a ideia de massas no estigma de incultas, mas sim que a consciência ingênua é fruto da perspectiva histórica. E isso se mostra na negação de uma intelligentsia como forma de transformação da realidade, pois para o autor as massas:

quando o processo do desenvolvimento nacional, em todos os setores, dá a indivíduos existentes no seio da massa a oportunidade de superação, ocorre a súbita tomada de consciência da sua situação e, através dela, da realidade brasileira em geral. Esse indivíduo converte-se de ser meramente sensitivo, figurante mudo do drama social, no qual só tinha atuação mecânica, em ser expressivo, em centro de forças vivas, em exigência consciente. Fazendo o descobrimento da própria voz, o homem do povo vai utilizá-la naturalmente para exprimir a miséria da sua condição e reclamar contra ela (PINTO, 1960).

seu pensamento aponta, falando em um molde materialista histórico, para a superação de uma forma dada de alienação, poderíamos dizer causada pelo colonialismo, pela herança colonial na vida ideológica cotidiana das massas brasileiras.

As críticas uspianas são anti-vanguarda, direcionadas ao ISEB colocavam essa perspectiva totalitária de defesa de uma intelligentsia, porém deve-se destacar que Vieira Pinto não comungava destas premissas e pode ser verificado no fato do instituto não possuir uma homogeneidade de pensamento, ou seja, a formação intelectual presente no grupo aponta para diversas diferenças teóricas e ideológicas, como a participação de Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré.

O período pré 64 foi marcado por ser de uma experiência democrática singular na nossa história, em uma conjuntura internacional marcada pelas disputas da guerra fria e a recente revolução cubana o Brasil apresentava um amplo campo de possibilidades para os rumos que o país tomaria, essas disputas de poder mobilizaram diversos setores da vida nacional, como as ligas camponesas, o movimento estudantil, as associações patronais e trabalhistas. Por conta disso uma análise acertada da realidade nacional se impunha de maneira ferrenha para a prática política. Em sua obra *Revolução Brasileira* Caio prado faz um balanço dos equívocos teóricos que levaram a derrota das forças de esquerda e legalistas pelos civis e militares golpistas em 64, demonstrando como até o termo revolução, capturado também pelos militares, era um termo em disputa na conjuntura da época, conceito de importância fundamental na atuação das forças em disputa.

Destaca-se também o conceito de nacionalismo como um dos pressupostos centrais de discussão do período, no qual Vieira Pinto desdobra uma enorme discussão a respeito do assunto que passou pela ótica do conservadorismo na primeira metade do século XX, mas que na década de 60, principalmente dentro do ISEB toma dimensão de uma luta anti-imperialista. O governo JK é marcado pelo debate da entrada de capital externo como precursor da economia e acabou culminando em um forte financiamento das rodovias e a entrada das grandes montadoras em território nacional, em detrimento de um fortalecimento da malha ferroviária que iria favorecer os interesses nacionais de escoação da mercadoria. Este debate dentro do ISEB marcou um racha no instituto e culminou na saída das alas mais liberais encabeçadas por Hélio Jaguaribe. O conceito de nacionalismo é uma questão muito cara a Vieira Pinto que entendia a questão da soberania nacional como ponto chave para a virada do subdesenvolvimento.

As críticas uspianas pós 64 ao pensamento nacionalista desenvolvido pelo ISEB parte de uma vontade política-ideológica de superação da esquerda radical pré golpe e toda sua capacidade de articulação teórica e mobilização das forças populares, é um pensamento anticomunista, que abandona as pautas que os movimentos populares pré 64 carregavam, tudo isso ancorado no conceito de populismo, desenvolvido por Francisco Weffort e Marilena Chauí. É um conceito forjado para explicar a atuação política da esquerda pré golpe militar, porém ele traz mais distorções do que explica de fato o fenômeno ao qual se propõe. Esse processo de desacreditizar as produções isebianas é um movimento claro de defesa de um cientificismo acadêmico que se afasta das lutas políticas, ou seja, da práxis. Essa axiologia do pensamento é veemente descartada pelo Iseb, e consequentemente por Vieira Pinto, que enxergava o processo ideológico atrelado a ontologia, como constituinte do ser social. As obras de Caio Navarro Toledo e Maria Sylvia demonstram justamente a crítica a esta forma de conceber o conceito de ideologia, estes com muita influência do pensamento de Althusser, que segundo Ester Vaisman há uma “radicalização do pensamento gnosiológico”. Na obra “Iseb fábrica de ideologias”, de Toledo, é possível observar a ideologia atrelada a uma forma de deturpação da realidade, como concebe uma forma de leitura da obra de Karl Marx, mas que posteriormente Lukács expande o conceito como uma forma de expressão do ser enquanto ser. Há que ressaltar que a crítica de Toledo é contundente e verdadeira na leitura de como qual a intencionalidade da ideologia isebiana, na forma de usar o nacionalismo e desenvolvimentismo como ferramenta para articular uma aliança de classes.

Referências bibliográficas:

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBBSBAWM, Eric (Org.). **História do Marxismo, volume VIII: O marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o terceiro mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOS SANTOS, Theotonio. **Evolução histórica do Brasil. Da colônia à crise da nova república**. 1976.

PRADO JR., Caio. **A Questão Agrária no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRADO JR., Caio. **Evolução Política do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo (colônia)**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. 17ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1974.

RICUPERO, Bernardo. **Caio Prado Jr. e a Nacionalização do Marxismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2000.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. <https://www.verinotio.org/conteudo/0.49365995032122.pdf>

VIERA PINTO, Álvaro. **Ideologia e desenvolvimento nacional**. Iseb. 1960. Rio de Janeiro